

dmd

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

damihi animas
2013

Anno LX Mensile
n. 7/8 Luglio/Agosto

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art.1, comma 2 - DCB Roma



DEIXAR UMA HERANÇA

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Carla Castellino • Piera Cavaglià
Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eystenstein
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Paola Pignatelli • Debbie Ponsaran
Maria Rossi • Bernadette Sangma
Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL
Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970
sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
legge 662/96 Filial de Roma

n. 7/8 julho-agosto de 2013

Tip. Istituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Memória para além do tempo</i> <i>Giuseppina Teruggi</i>	4
DOSSIÊ	<i>Deixar uma herança. “Vosso é o Reino dos céus”</i>	5
PRIMEIRO PLANO		
UM OLHAR SOBRE O MUNDO	<i>A jovem Angola</i>	9
ALMA E DIREITO	<i>Ritalina: a pílula da obediência</i>	10
CONSTRUIR A PAZ	<i>Não à ‘guerra justa’</i>	12
FIO DE ARIADNE	<i>Mudar, é possível?</i>	13
EM BUSCA		
CULTURAS	<i>A maior paixão</i>	18
PASTORALMENTE	<i>Nem programa, nem conteúdo, mas um mapa</i>	19
EM MOVIMENTO	<i>Os jovens do Brasil rumo à JMJ</i>	21
EM DIÁLOGO	<i>Entrevista com Rachael Chadwick e April Cabacang</i>	22
COMUNICAR		
FAZ-SE PARA DIZER	<i>Memória e comunicação</i>	23
MULHERES NO CONTEXTO	<i>Mulheres a serviço do Reino</i>	25
VÍDEO	<i>A BICICLETA VERDE</i>	27
LIVRO	<i>O TEMPO É UM DEUS BREVE</i>	28
MÚSICA	<i>A MÚSICA DOS TEEN-DRAMA</i>	30
CAMILLA	<i>Casa, doce casa</i>	31



Memória para além do tempo

Giuseppina Teruggi

Transmitir a extraordinária herança que Jesus nos deixou ao entregar-se a si mesmo como Presença viva é a razão de ser da Igreja, o seu caminho através da história. Um mistério de fé, uma certeza, motivo de consolação e de esperança.

O ano da fé oferece a oportunidade de revitalizar a memória da Presença de Jesus: fonte na qual bebemos para dar credibilidade ao anúncio da Boa Nova aos jovens.

Isso nos deram Dom Bosco e Madre Mazzarello: herança a ser preservada e transmitida, com fidelidade e criatividade.

A força do carisma nos provoca a depositar no coração dos jovens o 'fermento do anúncio 'evangélico'.

Pequenas sementes a serem jogadas no sulco da história, na vida dos jovens: desconhecemos o tempo da germinação e do florescimento, mas é claro que os frutos virão, segundo ritmos que não cabem a nós saber. É o que o presente número da Revista sublinha.

É impressionante o relato de Justino, filósofo cristão, mártir em Roma no ano 167 d. C. Ele documenta como os primeiros cristãos viviam a Memória da Presença de Jesus. «Terminadas as orações... ao dirigente dos irmãos é levado um pão e um copo de água e vinho suave; ele os toma e dá louvor e glórias ao Pai do universo no nome do Filho e do Espírito Santo, e faz a ação de graças.

Depois que ele terminou a oração e rendeu graças, todo o povo presente aclama: "Amém". Em

seguida, aqueles a quem chamamos *diáconos*, distribuem, a cada um dos presentes o pão, o vinho e a água consagrados e vão se sentar.

Este alimento é chamado por nós Eucaristia, e a ninguém é lícito participar dela, senão aqueles que creem que os nossos ensinamentos são verdadeiros... Realmente nós os tomamos não como pão e bebida comuns; mas... como carne e sangue de Jesus encarnado.

De fato, os Apóstolos, nas suas memórias chamadas evangelhos, transmitiram que este comando lhes foi deixado por Jesus»

Prossegue Justino: «No dia chamado "do Sol" todos, os habitantes das cidades ou dos campos, se reúnem e, então, leem-se as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas. Quando o leitor termina, o dirigente verbalmente nos adverte e nos exorta a imitar esses bons exemplos.

Depois, todos juntos ficamos em pé e rezamos; e, como já dissemos, terminada a oração, são trazidos o pão, o vinho e a água... com orações e ações de graça».

É bonito pensar que somos nós, hoje, os herdeiros desta riqueza, com os jovens aos quais Bento XVI dirigiu o convite: "Ide e fazei discípulos todos os povos!".

gteruggi@cgfma.org



Deixar uma herança. “Vosso é o reino dos céus”

Emilia Di Massimo



Todos conhecemos o significado do termo herança. Ele nos lembra, em geral, o mundo jurídico, aquilo que é material. Mas, explica o dicionário, entre seus vários matizes inclui também o seguinte: “complexo de valores, de sentimentos os quais constituem um legado espiritual”.

Os bens nos lembram uma pessoa querida, mas sem uma dimensão afetiva, nenhuma lembrança seria tal e teria importância. Realmente, a literatura mundial, nas entrelinhas, e com clareza, revela o desejo fundamental de não ser esquecido, de deixar uma herança de amor que permita continuar a haver uma correspondência entre quem vive e quem não está mais sobre a terra.

É este o desejo profundo que mora no coração de cada ser humano, sem exceção, porque em cada indivíduo vibra uma insaciável exigência de felicidade. Em certo sentido, portanto, a literatura reflete, de modo mais ou menos evidente, a tradição cristã, exprime, seja como for, uma fé numa vida após a morte e eterna. O desejo de felicidade perpassa o coração humano, talvez seja por isso que o que Jesus afirma no “sermão da montanha”, anunciado pelo evangelho segundo Mateus, capítulo 5 e pelo evangelho segundo Lucas, capítulo 6, atinge diretamente o coração e satisfaz o desejo: “porque vosso é o Reino de Deus”. O Reino de Deus que Jesus anuncia com as Bem-aventuranças, é exatamente aquela nova humanidade erguida por Deus e que corresponde a uma necessidade de salvação emergente de situações humanas deterioradas e trágicas. É uma espiral de esperança que se abre dentro da realidade que se vive, independentemente de como esta se apresenta.

A herança do “Reino dos Céus” vértice da felicidade

“Bem-aventurados” significa “imensamente e extraordinariamente felizes”, o que, como se afirmava acima, responde ao desejo de cada ser humano.

Pois bem, assegura Jesus, “vós que sois pobres, que deixastes tudo e me seguistes, sois felizes porque vosso é o Reino de Deus”. O Reino de Deus não indica

uma extensão geográfica, mas significa que Deus tem cuidado sobre cada um de nós.

Intui-se que as palavras pronunciadas por Jesus escondem promessas sobrenaturais e que aludem à realização da felicidade completa que perseguimos durante toda a vida, sem jamais conseguir aferrá-la por inteiro. Referem-se a esta sensação de bem-estar, de alegria totalizante que existe somente nos nossos sonhos. Traduzem, como nenhuma outra coleção de frases, a nossa saudade do futuro.

Em suma, não é preciso muito para entender que sob estes juízos rápidos do sermão da montanha há algo de grande.

E que, daquele misterioso “Reino dos céus”, a coisa mais óbvia que se possa dizer é que representa o vértice da felicidade. Sim, Jesus quer dar uma resposta à instância primordial que, desde sempre, nos assedia a alma. Somos feitos para a felicidade. A alegria é a nossa vocação. As palavras de Jesus parecem sugerir-nos que, se quisermos participar da herança do reino, deveremos ser pobres e privilegiar os pobres. Afirmo Tonino Bello em um de seus escritos: «Ou merecemos o apelativo de “bem-aventurados” fazendo-nos pobres, ou conquistamos o de “abençoados”, amando e servindo os pobres». A tal Palavra faz eco, em simetria, outra Palavra: «vinde, benditos de meu Pai, recebei como herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo».



Um convite que se receberá na medida em que for se afirmando a opção pelos pobres.

Uma herança para fazer frutificar

A vida de Dom Bosco foi uma profissão de amor a Jesus Cristo e ao próximo, de modo particular, aos jovens, sem dicotomias.

O exemplo de Dom Bosco nos estimula a este respeito e é bom lembrar algumas das bonitas características do seu método educativo voltado a formar “bons cristãos e honestos cidadãos”: estudo, trabalho, liberdade equilibrada, alegria, cidadania numa tendência para a síntese de razão e religião. Dom Bosco queria para os seus jovens uma formação integral. “A educação” – dizia – “é coisa do coração”, é preciso que todos os protagonistas da educação convirjam em uma comunhão de interesses e de objetivos, em vista da maturação de uma autêntica personalidade, humana e cristã. Mas Dom Bosco não fica parado contemplando o “céu” com os seus jovens. Vive no meio deles e sabe, ou “sente”, que eles não se satisfazem apenas com pensamentos sérios; além disso, acha o jeito de experimentar o quanto eles sofrem a “pobreza” e o “abandono” e quais são as suas solicitações, mais ou menos expressas. Por isso, a sua pedagogia não pode deixar de assumir o “rosto” dos jovens dos quais se ocupa. Necessariamente, então, se “humaniza” nos conteúdos e nos métodos. A “salvação eterna” é assim procurada passando pelas indispensáveis formas de salvação terrena (alimentação, vestuário, habitação, emprego, profissão, socialização) e com um estilo adaptado à sensibilidade juvenil (segurança afetiva, serenidade, convivência familiar, alegria).

Avançando em seguida para o último quarto do século, com o desenvolvimento das várias obras, Dom Bosco carrega de significados sempre mais vastos os termos “pobres”, “abandonados”, permanecendo, no entanto, fiel até os últimos dias, à originária escolha preferencial pela pobreza econômica, social, religiosa. Sua solicitude idealmente se estende a todos os jovens atingidos por qualquer “precariedade”, também moral, profissional, cultural, para os quais se mostram necessárias medidas diversificadas de acolhida, assistência, apoio, promoção. Coerentemente, instituições e métodos se abrem a uma mais vasta “disponibilidade”. E as palavras do “pai e mestre dos jovens” são ouvidas com crescente simpatia e consenso pelas categorias mais variadas de pessoas sensíveis ao problema da educação da juventude, num mundo novo. Esta simpatia, suscitada em toda parte por Dom Bosco, nasce certamente da assunção de critérios de ação educativa amplamente compartilhados: as etapas de crescimento dos jovens não são um evento transitório, mas uma experiência de vida válida em si mesma e que incide no futuro; os jovens são e devem ser não somente colaboradores ativos da própria educação, mas autênticos protagonistas; a alegria e a fadiga de dizer e de

projetar não é uma simples tarefa ou um dever, mas é sobretudo entusiasmo, criatividade, paixão pela vida e pelo sentido da existência; a relação educativa diz envolvimento de amizade, construção de comunidade, presença propositiva de valores e de ideais. Tudo quanto se afirma a respeito da obra de Dom Bosco, completa-se com o rosto feminino de Madre Mazzarello.

Madre Mazzarello não deixou como herança as iniciativas e as obras; deixou uma experiência espiritual e um carisma para ser renovado diariamente e tornado criativo em todos os tempos. Assim como Dom Bosco, Madre Mazzarello foi profeta, porque grande especialista de Deus. O profeta não é aquele que vê o futuro; o profeta é aquele que sabe olhar para a história presente com os olhos de Deus e responder aos apelos presentes com o coração de Deus. Tudo quanto nossa Cofundadora viveu constitui para nós hoje oportunidade inédita para responder à vocação recebida e às expectativas dos jovens. Oportunidades que poderiam ser resumidas assim: a coragem de tender à santidade, a sabedoria do coração, a espiritualidade educativa, a atenção às pessoas, portanto, a vivência da *amorevolezza*. Em síntese: ir contra a corrente, escolhendo a medida alta da vida cristã que é a santidade; a sabedoria do coração, a capacidade de relações para criar uma sociedade mais humana; a coragem de assumir a espiritualidade educativa. A herança que Dom Bosco e Madre Mazzarello nos deixaram é uma herança a não ser dispersada, mas a ser frutificada na sociedade contemporânea, hoje mais que nunca necessitada de valores e de testemunhos. É uma interpelação que nos impele a renovar a qualidade da fé, da vida fraterna, da missão educativa. De tal “qualidade” harmoniosa depende a formação integral dos jovens, a educação autêntica que conduz a ser “bons cristãos e honestos cidadãos”.

O educador: um herdeiro

Voltar às fontes é importante, todavia nossa vida é cheia de perguntas. Algumas proveem da cultura em que vivemos, outras são pessoais, chegando até nós a partir de fragmentos inesperados de nossas vidas, das alegrias e das angústias que de tanto em tanto as atravessam.

Outras, a seguir, partilhamos com vocês.

São perguntas que nos veem à mente e ao coração pela simples razão de vivermos, esperarmos, amarmos. Muitos desses questionamentos são um grito de dor, que queima a nossa existência, pelas muitas coisas que teríamos o direito de possuir e que, ao invés, nos são roubadas com violência. A inquietação que nos martela interiormente nos impele a procurar, com trepidação, respostas aos nossos questionamentos.

Dom Bosco e Madre Mazzarello gastaram suas vidas para darem uma resposta, séria e concreta, às perguntas dos jovens e das jovens do seu tempo.

Atualmente não podemos continuar respondendo à missão educativa dando as mesmas respostas dos nossos santos, mas podemos perguntar-nos o que eles viram e o que continuam a ver ainda hoje. Indubitavelmente o amor aos jovens como tal, continua no centro; sabemos sem dúvida que o educador é herdeiro de um carisma que assenta suas bases no pilar o amor, portanto ele possui “a canção da caridade”: sem a caridade não adianta conhecer toda a pedagogia, toda a arte comunicativa, e a vastidão da cultura. Nós herdamos um amor declinado no Sistema Preventivo e enraizado na Palavra. Sabemos que há muitas respostas às perguntas que surgem em nossas vidas, mas o Evangelho sugere uma resposta de conjunto, ele alcança todos, com a única e grande preocupação de fazer-nos descobrir que Deus é um Pai que nos ama, que nos quer plenos de felicidade, confortados na esperança, empenhados a viver verdadeiramente como seus filhos. Tem sua própria lógica tão precisa que pode até mesmo parecer estranha. A iniciativa é tomada por Deus. Ele nos pede para fazer a experiência, crer e apostar nela. Assegura-nos um amor que acolhe, que salva, que enche de vida, mas, diz, sem meios-termos: a medida do amor é sacrificar a própria vida por aqueles que se ama, sem duvidar e sem impor condições: “se”, “mas”... Parece-nos ser esta a “medida” que faz do educador um herdeiro.

O acompanhamento espiritual: um legado

O acompanhamento espiritual dos jovens é definido como uma singular relação que se constrói na fé e na caridade entre duas pessoas, das quais uma vive o tempo da “maturidade” da fé, e a outra, ao contrário, “caminha” para uma maturidade da fé. Viver o tempo da maturidade da fé significa ter unificado a própria vida no Senhor Jesus, significa viver o tempo da fidelidade e da estabilidade. O adulto na fé é aquele que descobriu o tesouro da própria vida, identificou a própria vocação que é a experiência cotidiana da graça. Aquele que acompanha tem, geralmente, alguns anos a mais de quem está sendo acompanhado, ou melhor, já percorreu um trecho de estrada e por isso conhece as alegrias e as dificuldades tanto da vida como da vivência da fé. Sabe que o Senhor é fiel, acompanha. Sabe que a vida de fé é empenhativa, demanda fidelidade, disciplina, tempos de oração silenciosa e de partilha, pede vida fraterna. Quem

acompanha sabe fazer memória do seu caminho espiritual, daquilo que foi a sua experiência. O seu percurso de fé, não o torna um absoluto, mas o faz lembrar muito bem as passagens e as graças que o Senhor fez. Sem tais núcleos fundamentais, não se pode acompanhar, não se transmitiria nada, não se entregaria herança alguma.

Quem se faz acompanhar espiritualmente pede verdade, clareza e autenticidade, requer que o educador tenha uma discreta maturidade afetiva, porquanto no acompanhamento não bastam os conteúdos, ocorrem também os gestos, o não-verbal, o afeto sincero, a pedagogia da bondade.



“Gratuidade”: não há amor maior

O êxito de um acompanhamento espiritual autêntico conduz os jovens a se abrirem à solidariedade, valor inseparável da gratuidade. «Não enterreis os talentos, apostai em grandes ideais, ide contra a corrente, uma vida sem desafios não existe, e um jovem ou uma jovem que não sabe enfrentá-los e não entra no jogo, não tem espinha dorsal». É apenas um florilégio de citações, entre as muitas com as quais o Papa Francisco nos está presenteando. Suas referências às responsabilidades pessoais despertam o gosto pela conquista, o valor do sacrifício, o sentido da luta pelo amor, pela liberdade, pela justiça; remetem a uma concepção de vida entendida como uma partida de jogo a ser jogada como protagonistas.

Transmitir aos jovens a herança espiritual é dar-lhes a alegria do encontro com Jesus, e sabemos que a história de Jesus de Nazaré é uma história de amor e doação: “ele passou em meio a nós fazendo o bem”. O Bom Samaritano, do Evangelho, que passando perto da vítima, olhou para ela, “teve compaixão”, “fez-se próximo”, (...) “e cuidou dele”, torna-se a imagem do estilo de Jesus e, ao mesmo tempo, do testemunho cristão. O voluntariado, forma moderna do dom e da relação gratuita, torna-se assim um testemunho cristão do destino eterno.

emiliadimassimo@libero.it



«Cristo entregará o Reino ao seu Pai», diz S. Paulo (1 Cor 15, 28), não no sentido de que renunciará à sua autoridade ao lhe entregar o seu Reino, mas porque nós seremos o Reino de Deus quando estivermos conformes à glória do seu corpo... Depois que nos tiver constituído «Reino de Deus» por meio da glorificação do seu corpo, Ele nos entregará a Deus. Ele nos entregará ao Pai como Reino, segundo o que diz o Evangelho: «Vinde, benditos de meu Pai, recebei como herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo» (Mt 25, 34).

«Os justos resplandecerão como o sol no Reino de seu Pai» (Mt 13, 43). Porque o Filho entregará a Deus, como seu Reino, aqueles que convidou ao seu Reino, aqueles aos quais prometeu a bem-aventurança específica deste mistério, com as palavras: «Felizes os puros de coração porque verão a Deus» (Mt 5, 8)...

Cristo entrega a Deus o Reino e eis que aqueles que Ele restitui ao Pai como seu Reino veem a Deus. O mesmo Senhor explicou aos apóstolos em que consiste o Reino: «O Reino de Deus está no meio de vós» (Lc 17, 21).

emiliadimassimo@llibero.it



Do testamento espiritual de São João Bosco

Meus caros e amados filhos em Jesus Cristo.

Antes de partir para a minha eternidade devo cumprir para convosco alguns deveres e assim satisfazer um vivo desejo do meu coração. Antes de tudo eu vos agradeço com o mais vivo afeto da alma pela obediência que me haveis prestado e por tudo quanto haveis feito para sustentar e propagar a nossa congregação. Eu vos deixo aqui na terra, mas somente por pouco tempo. Espero que a infinita misericórdia de Deus fará que nos possamos todos encontrar um dia na feliz eternidade. Lá eu vos espero. E vos recomendo que não choreis a minha morte. Esta é uma dívida que todos devemos pagar, mas depois, cada fadiga sustentada por amor ao nosso Mestre, o nosso bom Jesus, será largamente recompensada (...) Se me amastes no passado, continuei a amar-me no futuro com a exata observância das nossas constituições(...) Adeus, meus queridos filhinhos, adeus. Eu vos espero no céu. Lá falaremos de Deus, de Maria, mãe e protetora da nossa congregação; lá bendiremos eternamente a nossa congregação, cuja observância das regras contribui potente e eficazmente para a nossa salvação. *Sit nomen Domini benedictum ex hoc nunc et usque in saeculum. In te Domine, speravi non confundar in aeternum.*

A história de um pedaço de pão

Quando o velho doutor morreu, chegaram os seus três filhos para tratar da herança: o antigo e pesado mobiliário, os preciosos quadros e muitos livros. Em uma finíssima, mas pequena vitrina o pai havia conservado objetos de sua memória: cálices delicados, antigas porcelanas, lembranças de viagens e tantas outras coisas. Na prateleira de baixo, no fundo bem no canto, foi encontrado um objeto estranho: parecia um cubo rígido e cinzento. Quando foi trazido à luz, todos ficaram surpresos: era um antiquíssimo pedaço de pão ressecado pelo tempo. Como acabara ficando no meio daquelas coisas preciosas? A mulher que se ocupava da casa contou: Nos anos da fome, no final da grande guerra, o doutor ficara gravemente doente e, com exaustão, foi perdendo as energias. Um colega seu que era médico disse que era necessário achar comida. Mas onde poder encontrá-la naquele tempo?

Um amigo do médico trouxe um pedaço de pão substancioso feito em casa, que havia recebido de presente. Ao tê-lo nas mãos, o doutor enfermo ficou com lágrimas nos olhos. E quando o amigo se despediu, não quis comê-lo, mas dá-lo à família da casa vizinha, cuja filha estava doente. «A vida jovem tem mais necessidade de cura, do que este velho», pensou o doutor.

A mãe da menina enferma levou o pedaço de pão dando-o à mulher refugiada de guerra que estava hospedada no sótão e que era totalmente uma estrangeira no país.

Esta mulher estrangeira levou o pedaço de pão à sua filha, que vivia escondida com duas crianças em um porão por medo de ser presa. A filha lembrou-se do doutor que havia curado, de graça, os seus filhos e que agora jazia enfermo e debilitado. O doutor recebeu o pedaço de pão e imediatamente o reconheceu e se comoveu muitíssimo. «Se este pão ainda existe, se os homens souberam partilhar entre si o último pedaço de pão, não devo me preocupar com a sorte de todos nós», disse o doutor. «Este pedaço de pão saciou muita gente, sem que fosse comido. É um pão santo!».

Quem sabe quantas vezes o doutor ancião, terá mais tarde guardado aquele pedaço de pão, contemplando-o e recebendo dele força e esperança especialmente nos dias mais duros e difíceis! Os filhos do médico sentiram que naquele velho pedaço de pão seu papai estava mais próximo, mais presente, que em todos os valiosos mobiliários e os tesouros empilhados naquela casa.

Sustentaram aquele pedaço de pão, aquela verdadeira e preciosa herança em suas mãos, como o mistério mais pleno da força da vida.

Partilharam-no em memória de seu pai, como dom daquele que certa vez, por primeiro, o havia partilhado por amor».

(Dom Angelo Saporiti)

dma primeiro plano:

Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos



UM OLHAR SOBRE O MUNDO



A jovem Angola

Natália Miguel



Em Angola, País da região ocidental do Sul da África, com 16.335.000 habitantes, 45% a 50% da população tem menos de quinze anos. Estes dados mostram que é uma nação jovem.

É um País independente desde 1975, mas viveu 27 anos com uma guerra civil que afetou a identidade humana, desagregou muitas famílias, provocou migrações forçadas e a destruição de muitas infraestruturas, etc.

O acordo de paz foi alcançado em 4 de abril de 2002 e agora Angola vive os seus primeiros 11 anos de paz, em democracia.

Do ponto de vista *econômico* é um País que tem muitos recursos e pode progredir. De fato, nos últimos anos revela-se um crescimento no campo econômico, mas este crescimento deixa de fora uma boa parte da população, sobretudo a mais pobre.

A maior fonte de riqueza é o petróleo, mas a dependência desta forma de renda está alargando a lacuna que distancia quem já é rico de quem é pobre.

A maior parte da população é cristã com 60% de católicos e 15% de protestantes. Há 28% de seguidores da religião tradicional e 3% de muçulmanos imigrantes da África central.

Situação juvenil

A situação juvenil em Angola é bastante heterogênea. Um estudo feito pelo secretariado nacional da Pastoral Juvenil logo depois da guerra civil, revelou que a realidade juvenil pode ser subdividida em

diferentes categorias, entre as quais: *os jovens do contexto urbano* e *os jovens do contexto rural*.

Os primeiros, mesmo não tendo vivido diretamente no tempo da guerra, experimentaram logo depois as suas consequências, sobretudo a influência do Marxismo. Muitos deles são estudantes universitários com compromissos sociopolíticos, são empresários, funcionários públicos, e também empenhados na vida eclesial.

Nem todos, porém têm a possibilidade de encontrar logo um lugar de trabalho digno, por isso alguns se tornam *comerciantes ambulantes*. Grande parte deles provém de famílias relativamente pobres ou desagregadas, manifestam senso crítico graças ao estudo e ao uso dos meios de informação.

Além disso, as escolas oferecem uma proposta educativa séria. Entre os jovens que vivem na cidade, muitos experimentam a condição de marginais, tornam-se violentos, e causam medo; criam mal estar. A polícia não consegue cuidar deles que, com ações perigosas procuram atrair a atenção.

Depois há os jovens que vivem no campo e que experimentaram a guerra na própria pele. Entre eles, alguns são camponeses, caçadores, (sobretudo as jovens), outros são estudantes, outros ainda soldados ou já liberados.

Por causa da guerra têm uma formação cultural limitada, porém pode-se dizer que nesses jovens encontramos a identidade cultural africana original. Têm desejo de trabalhar e não têm medo do sacrifício.

São pacíficos, respeitosos, sinceros, humildes, religiosos, porém, pouco críticos.

Enfrentam as primeiras fases da escola com uma idade avançada relativamente aos jovens que moram na cidade. Geralmente, constituem a força das comunidades cristãs de base.

A nossa atenção pastoral

Desde o início a Igreja dedicou um cuidado especial aos pobres, sobretudo no tempo da guerra. O Instituto nos anos 80-90 viabilizou uma pastoral de emergência, cuidando da catequese paroquial, do oratório e da alfabetização e depois, no período pós-guerra, cuidou da abertura de escolas, cursos de formação profissional e outras propostas educativas informais.

Neste período de paz, as perspectivas são outras, e se requer uma certa continuidade. A meu ver, enquanto os Países vão se reconstruindo em suas infraestruturas, é necessária uma reconstrução da *antropologia cristã* dos jovens.

Diante de uma sociedade que de modo acelerado absorve os ideais da globalização, os pontos de referência para os jovens estão em crise; geralmente, sente-se que nas suas decisões vitais, não se escuta a

voz da consciência e com facilidade cai-se na armadilha das escolhas que não são ético-cristãs.

Por outro lado, encontramos-nos num período de mudança cultural e de época não proporcional – do ponto de vista diacrônico – ao ocidente. Vê-se nos jovens uma corrida para o “possuir” mais que para o “ser”, assumindo estilos e mentalidades capitalistas, consumistas e relativistas, onde a atenção ao bem comum e ao próximo ficam em último lugar.

Por isso, é necessária uma pastoral *de educação para os valores cristãos* que conduza a uma mudança de mentalidade.

Educação ao valor inalienável da vida contra a cultura da morte que se propaga, da *solidariedade e gratuidade* contra a mentalidade individualista; educação à *transparência* versus corrupção, à responsabilidade e fidelidade, etc.

Nesta mudança de época, parece-nos importante que o caminho seja feito em conjunto, educando-nos reciprocamente, procurando ser com os jovens agentes de transformação social, com o olhar fixo na Transcendência. Como nos dizia Dom Bosco “*o meu desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade*”.

ALMA E DIREITO



Ritalina: a pílula da obediência

Rosaria Elefante



Fazer de toda a erva um feixe é superficial e se torna culposos, se queima mentes jovens talvez muito brilhantes, e até mesmo particularmente vivazes.

A Ritalina é um remédio destinado às crianças. Surgiu nos anos cinquenta. O metilfenidato – que constitui o seu princípio ativo – era usado para curar doenças raras do sistema nervoso (como a narcolepsia).

Pensou-se depois que nos pequenos hiperativos teria produzido um grande efeito calmante. E junto com a sua difusão identificou-se uma nova síndrome.

Assim, as crianças que segundo as nossas avós tinham no corpo o “bicho carpinteiro” tornaram-se portadoras de uma alteração biológica, a *Adhd* (Attention deficit hyperactivity disorder), isto é, a desordem comportamental assinalada pelo baixo nível de atenção, concentração e atividade, mas também pela distração e impulsividade.

Em suma, os pequenos com particulares vivacidades e dificuldades para permanecerem “quietos”, atentos e obedientes, estavam... doentes.

Porém, não existem critérios científicos sérios para distinguir a vivacidade da patologia, e a síndrome de *Adhd* permanece algo de vago, confinada entre as mais controversas doenças da psiquiatria infantil, seja porque se lhe refuta a autenticidade patológica, seja porque se lhe contesta a consequente terapia sobre os pequenos doentes (ou considerados como tais).

Pouco importa se fica a sensação de que se deseja transformar as crianças em perfeitos soldadinhos e em alunos obedientes (as premissas do sucesso comercial da Ritalina, que entre 1989 e 1996 viu explodir as prescrições de 600% somente nos Estados Unidos, País que hoje consome 90% da produção mundial do metilfenidato). E importa menos ainda que permaneça a trabalhosa e velha tentação da psiquiatria de classificar a normalidade social.

Se então o tratamento farmacológico deste distúrbio não encontra fundamentos que o legitimem, realmente ele é, com frequência – segundo muitos especialistas – inútil e danoso.

Também porque a Ritalina – assim como os medicamentos à base do metilfenidato – não curam nada. E mais, se o tratamento, que deve ser necessariamente prolongado, precisasse interromper-se por qualquer efeito colateral (insônia, anorexia, inibição do crescimento, taquicardia incontrolada ou arritmia, hipertensão, distúrbios gastrointestinais, alucinações), os assim chamados sintomas originais do *Adhd* se apresentariam muito mais acentuados. Porém, visto que, já na primeira administração, o remédio produz um efeito calmante, a síndrome do “bicho carpinteiro” parece desaparecer e os pequenos, obedientíssimos, superam como autômatos as aparentes dificuldades de aprendizagem, desencadeando o entusiasmo dos pais e professores.

Verdadeiros psicotrópicos

Acontece que os postos de saúde, a pedido dos próprios pais estressados por outros problemas, ou dos professores impacientes com a gestão de alunos exuberantes, muitas vezes, prescrevem psicoestimulantes. Não levam em conta aqueles terríveis efeitos colaterais, como também a predisposição à dependência tóxica e alguma indução ao suicídio, ambas detectadas nos pequenos pacientes aos quais se administrou a Ritalina. Provavelmente a preocupação dos pais de que os seus filhos dotados normalmente ou acima da média e afetados pela *hipercinesia* e *deficit* de atenção, se tornem *outsider* socialmente marginalizados e com distúrbios de aprendizagem, faz pensar nas consequências da Ritalina como “aceitáveis”, especialmente se suportadas com a esperança de que logo se possa suspender a administração do “perigoso” remédio.

Ao contrário, causa dependência, e então a sua dose, para manter o mesmo efeito calmante, vai aumentando progressivamente. Em suma, mais que “práxis” terapêutica, parece que tudo isso seja uma pesada e injustificada violência contra o desenvolvimento da personalidade e o crescimento físico de crianças e adolescentes. No entanto, a constatação ainda não foi suficiente para fazer um determinado mundo científico e político refletir sobre isso, como também as indústrias farmacêuticas.

Com efeito, aos poucos somos levados a diagnosticar o *Adhd* desde o primeiro ano de vida, prescrevendo a Ritalina, até mesmo aos lactentes, não obstante a terrível advertência colocada na bula do remédio: “*Reputa-se altamente necessária uma supervisão e um estreito controle do paciente durante a suspensão do remédio, em vista da não remota possibilidade da insurgência de graves depressões assim como os efeitos da superatividade crônica*”.

É claro que Dom Bosco não teria gostado nem um pouco da Ritalina. E talvez, não se saiba o que a psiquiatria descobriu nas últimas décadas tanto mais que o mercado em favor dos pequenos é mais simples e vantajoso. Porém, se os laboratórios farmacêuticos têm o direito de produzir remédios, é sagrado que cada pessoa tenha o direito de não se submeter a diagnósticos falsos ou forçados. Assim também, cada criança tem o mesmo sagrado direito – até prova em contrário reconhecida cientificamente – de não ser considerada doente. Ou então vamos drogar os nossos filhos, em vez de acompanhá-los com *amorevolezza*, razão e religião.

rosaria.elefante@virgilio.it



Não à 'guerra justa'

Martha Sêide

**«Pensar que na era atômica a guerra possa ser utilizada como instrumento de justiça, é contrário à razão».
(Pacem in terris n. 67)**

Esta é uma das afirmações inovadoras da *Pacem in Terris*, a histórica encíclica de João XXIII publicada em 21 de abril de 1963 que assinalou uma reviravolta decisiva relativa ao tema de conflitos entre os povos.

A celebração do 50º aniversário da encíclica nos oferece a oportunidade de revisitar a “teoria da guerra justa” e de confirmar a urgência de abandonar esta doutrina defendida pela Igreja católica por quinze séculos. Luigi Lorenzetti, notável teólogo no âmbito moral, estudando o argumento examina a novidade da mensagem da *Pacem in Terris*, retomada do Vaticano II, indicando a decisão da Igreja de abandonar a teoria, uma vez advertida a incompatível relação entre o adjetivo “*justa*” e o substantivo “*guerra*”, então a guerra não pode ser instrumento de justiça.

Guerra jamais

Se a guerra não pode ser um caminho para a obtenção da justiça, é evidente que a teoria da *guerra justa* deve ser descartada. “Guerra jamais!” exclamava Paulo VI no *Discurso à Assembleia Geral da ONU*, em 1965. Tal exclamação retomada com força por João Paulo II exprime claramente a vontade dos Pontífices de orientar para caminhos alternativos. Todavia, esta tomada de posição nem sempre foi levada avante de modo radical. Prova disso é a confirmação do Catecismo da Igreja Católica que, muito depois (1992), alude à justificação da guerra, evidenciando que tal decisão deve estar sujeita a rigorosas condições de legitimidade moral (cf CCC 2309). De fato, como afirma Lorenzetti, talvez tenha faltado a coragem de reconhecer que, na guerra moderna, as normas são transgredidas. Portanto, é inaceitável toda tentativa de guerra.

Legitimidade inaceitável

São precisamente os princípios de legitimidade interpretados pelos Países segundo a conveniência que abrirão os caminhos para um retorno poderoso à política de guerra, especialmente depois dos atentados de 11 de setembro de 2001.

De fato, nestes últimos dez anos, de vez em quando, voltou-se a qualificar a guerra justa, necessária, inevitável, assimétrica, inteligente e, por último, até mesmo preventiva e humanitária. Evidentemente, se se pensa no horror e nas atrocidades da guerra, com suas enormes consequências sanguinolentas para a população civil, não se poderá em nenhum momento, e sob nenhuma condição, sustentar a possibilidade da guerra, porque é realmente incompatível com a experiência humana. Portanto, a guerra deve ser condenada com vigor, como ressalta o Concílio na *Gaudium et Spes*: «Todo ato de guerra, que vise indiscriminadamente à destruição de cidades inteiras ou de vastas regiões e de seus habitantes, é crime contra Deus e contra a humanidade e deve ser condenado com firmeza e sem hesitação» (GS 80).

Pela defesa da vida de todos

Já em 2001, os dados da Caritas internacional ilustravam claramente a transgressão das normas que tornavam a guerra injusta. Basta avaliar os efeitos sobre a população civil: “Na primeira guerra mundial o percentual de vítimas entre civis foi de 5%; na segunda guerra subiu para 50%; no conflito no Vietnã chegou a ultrapassar 80%. Nos conflitos mais recentes de 85% a 95% das vítimas da guerra são civis”. Os percentuais indicados nos fazem tocar com as mãos o quanto são transgredidas as condições de legitimidade.

Da guerra justa à paz justa

Podemos afirmar que a teoria da guerra justa teve o seu tempo, agora é o tempo da paz justa. Ocorre defender as causas justas de modo justo: é o desafio ao qual a Igreja católica deve responder em colaboração com as outras Confissões cristãs, as diversas Religiões (Lorenzetti). Para tornar efetivo este percurso, ocorre agir de modo coral, isto é, em nível internacional, nacional, regional e, sobretudo por aquilo que nos compete, em nível pessoal e comunitário na

vida cotidiana (cf DSC 500-503). Podemos acolher as instâncias da Declaração ecumênica sobre a paz justa para traçar caminhos para a paz em três direções: ser com a Igreja e nas igrejas *sacramento, sinal profético e instrumento de paz*. Com que modalidades?

Cada qual se coloque à escuta do Espírito em comunhão com a comunidade eclesial para discernir os caminhos adequados segundo o próprio ambiente.

mseide@yahoo.com

CONTRA

LUZ

Como a sua comunidade expressa o compromisso com a paz?

As Irmãs da comunidade Maria Auxiliadora de Saladeang – Bangkok (Tailândia) compartilham uma das múltiplas experiências de compromisso com a paz mediante a força transformadora da Palavra de Deus. «Cremos firmemente na força da Palavra de Deus, que procuramos viver e partilhar toda quarta-feira com um grupo de mulheres Latino-americanas.

Às vezes, algumas pessoas chegam ao grupo aborrecidas, mas depois partem serenas porque, na oração e na Palavra, encontram a paz. É o caso do Sr. Humberto, colombiano de 84 anos, que veio a Bangkok a convite do filho, para as férias de verão.

Durante o pouco tempo que frequentou o grupo de partilha, testemunha a nora, meu sogro mudou radicalmente de vida. De soberbo e amargo que era, tornou-se um homem gentil, humilde, capaz de dar e receber o perdão.

Quando voltou à Colômbia, a família não o reconhecia mais tal era a sua bondade. À sua imprevista morte seus parentes agradeceram à comunidade que havia lhe devolvido a vida em Deus e o havia preparado, sem o saber, para aquele encontro definitivo. Pudemos tocar com as mãos como realmente a Palavra pode transformar os corações».

FIO DE ARIADNE



Mudar, é possível?

Maria Rossi

«Quer queiramos ou não, somos continuamente atravessados pela mudança.

Nascemos, tornamo-nos adultos, envelhecemos, adoecemos, morremos.

As nossas células e as nossas conexões cerebrais se renovam a cada momento.

No curso da nossa vida acontece-nos mudar de amigos, de trabalho, de casa, de cidade.

Passamos por lutos, crises, doenças, mas também por sucessos, amores, oportunidades.

Tudo isso influi no nosso modo de pensar e em nossa estrutura emotiva, resultando em mudanças». (CIONI Isabella, *Cambiare, in meglio*, em FOCUS 248, junho 2013, p.39. Há outras referências a este estudo nas páginas 39 – 44).

Além dessas mudanças pessoais, somos também envolvidos pelas grandes mudanças sociais e culturais devidas ao progresso científico e tecnológico e à rápida difusão da *internet* e das *redes sociais*, mudanças que estão criando, especialmente entre os pais, os educadores e as educadoras, um sentimento de incerteza, de desorientação, juntamente com o receio de não estar mais à altura do próprio papel de educador e de não ser capaz de realizar um diálogo de compreensão recíproca com as novas gerações. Além disso, enquanto se vive a fadiga da mudança, sente-se também o peso e o aborrecimento de uma certa estagnação e de uma vazia repetitividade.

Se se observam alguns fenômenos como o suceder-se sempre igual dos dias, dos anos; o nascer, o crescer

e o morrer das pessoas; a desigualdade na distribuição dos bens e dos saberes que cria continuamente bolsões de pobreza; o desejo de posse e de poder que continua a fomentar guerras e a suprimir e/ou forçar à emigração populações inteiras, chega-se a pensar como o Quèlet (1, 9) que “não há nada de novo sob o sol e que aquilo que foi, será e o que se fez, se refará”.

A estagnação e a repetitividade não são confundidas com a estabilidade. Uma certa estabilidade convive com a mudança e a torna possível, concorrendo para harmonizar o crescimento e a formação da identidade pessoal.

Repensando a nossa história pessoal, notamos que, enquanto estamos vivendo um processo de mudança social, cultural e também físico, nós nos sentimos sempre as mesmas. E isso é muito importante.

As mudanças culturais, para quem viveu dos anos '68-'70 em diante, são uma experiência contínua, às vezes empolgante e, seja como for, desgastante. Quando vislumbram possibilidades e melhorias, a fadiga pesa menos, mas quando, deixando a meta na incerteza, tocam hábitos consolidados, exigem novas aprendizagens, redimensionamentos, deslocamentos e quando atrasam ou impedem a atividade física, então criam ansiedade, temor, desconforto.

Pode-se mudar tanto para melhor como para pior. Alguém, observando a atual situação do envelhecimento, prevê que “será sempre pior”.

Mudar para pior, seja como for, é facilímo: basta imobilizar-se nos próprios hábitos, observar o negativo, queixar-se piedosamente e deixar que a vida faça o resto. «É tão simples – diz a autora citada – que ao menos metade da humanidade pensa que seja normal estar mal e não tenta nem sequer aliviar a própria infelicidade».

Não é possível ignorar a mudança. Contrapor-se a ela é trabalhar em vão.

Acreditar poder detê-la imobilizando-se nos próprios hábitos e preconceitos, é barrar toda melhoria pessoal, é ficar à mercê dos outros e dos eventos: é morrer.

Mas, o ser humano pode mudar também para melhor.

Processo consciente e trabalhoso

A prudência e também a ciência recomendam ingressar com consciência neste processo para colher seus aspectos positivos e conseguir geri-los com sabedoria para evitar ser submisso, oprimido ou marginalizado.

A Madre, na circular em preparação ao próximo Capítulo Geral, afirma que: «Para dar um respiro novo e mais aberto às nossas comunidades, são certamente necessárias também *mudanças* estruturais que toquem estilo de vida, horários e costumes consolidados». A perspectiva de mudança, embora em continuidade com a dos Capítulos precedentes, parece mais premente.

O desejo-proposta é de mudar para melhor: «dar um respiro novo e mais aberto às nossas comunidades» e isso se torna possível com uma reestruturação profunda da personalidade, coisa, para algumas pessoas, muito difícil.

Mas, se mudar para pior é facilímo, envolver-se no melhor comporta uma fadiga considerável e justificada também pela estrutura e pela fisiologia dos neurônios que formam a rede nervosa do nosso cérebro. Segundo as neurociências, em nível neural, a mudança é normal.

Todavia, já com a idade de 10/15 anos, no nosso cérebro forma-se um “mapa” que, de certa forma, representa o nosso modo de pensar e de sentir e que, mesmo continuando a desenvolver-se, é bastante estável.

Mas, trata-se de uma estrutura que “na ausência de eventos traumáticos ou de uma transformação ativa e consciente, faz-se sempre mais rígida no tempo.”

Mudar não é fácil para ninguém.

As mudanças, pedindo para deixar os precedentes pontos de referência e reorganizar a própria vida em torno de outros mais adaptados, mas sempre inseguros e pouco estáveis, rompem o equilíbrio alcançado e, muitas vezes, criam incertezas e sensação de desgaste em todas/os, mas especialmente em quem pertence às faixas etárias mais frágeis.

Então, quando são numerosas e comportam várias novidades, podem causar desorientação, sobretudo nos idosos e nas crianças. As pessoas idosas, além de possuírem estruturas menos flexíveis, um físico frágil e de terem precisado deixar papéis de referência socialmente importantes, já perderam figuras importantes de referência (amigos, parentes, conhecidos). Também as crianças sofrem desequilíbrios quando submetidas a excessivas mudanças. Uma estabilidade adequada lhes serve para formar as estruturas do espaço-tempo, necessárias para se orientarem na vida e para elaborarem uma saudável identidade pessoal.

Quem tem experiência com crianças que em tenra idade foram jogadas de uma pessoa para outra, de um responsável ou de uma casa, ou de uma instituição para outra, sabe alguma coisa a respeito.

Um pouco de estabilidade é oxigênio para todas/os. As pessoas adultas não são isentas de dificuldades, especialmente se as mudanças exigem uma reestruturação da personalidade, isto é, tocam nos hábitos e estilos de vida como uma doença, um assumir responsabilidades, uma mudança de trabalho, um acontecimento traumático. A mudança é possível, embora as pessoas inseguras e rígidas e as que não se acostumaram ao sacrifício, à resiliência e não souberam fazer das dificuldades pontos fortes, possam encontrar maiores dificuldades.

Os hábitos, sobretudo os bons, ajudam muito, no sentido de que, permitindo não precisar estar sempre

ali pensando e decidindo como fazer, levam a economizar tempo e energia para dedicá-los a atividades ou estudos úteis e interessantes: à oração, aos hobbies. Às vezes, principalmente para as pessoas que tendem à rigidez e que são levadas a acreditar que, para salvar o espírito salesiano, é bom fazer como "sempre se fez", podem tornar-se uma gaiola e também a morte daquilo que se deveria salvar.

Os possíveis passos. Juntas

Quando observamos a situação atual sem saudades ou lamentos, podemos notar quantos progressos notáveis já se realizaram, também no Instituto.

No âmbito social, por exemplo, somos mais abertas e solidárias, mais capazes de acolher quem é diferente de nós por raça e religião e, em nível internacional, estamos lutando pelos direitos humanos e contra a discriminação racial. Mas as melhorias não são suficientes. A vida continua.

Para não ficar submissa ou marginalizada, é necessário entrar conscientemente no processo de mudanças próprio do nosso tempo e exigido pelo Instituto e pela missão educativa, e reforçar a identidade pessoal e carismática, aprofundando as raízes na história pessoal e no patrimônio recebido em herança como FMA.

Então, é útil saber que, dada a plasticidade do nosso cérebro, a mudança é possível, sobretudo quando a capacidade de resiliência, isto é, a habilidade de responder de maneira construtiva às mudanças, está bem treinada, e também, se as *estruturas* o favorecem.

Além disso, o fato de já ter conseguido realizar várias mudanças, confere a segurança de ainda poder fazê-lo. Levando em conta que o caminho é trabalhoso, é importante ter clara a meta que se deseja atingir, saber que o esforço tem sentido e munir-se de

paciência, resistência, confiança em si mesma, nos outros, em Deus. Se for possível ter ao lado um guia ou uma pessoa que nos queira bem e que nos conforte e nos confirme em nossas capacidades, o esforço para sair dos nossos estereótipos mentais e dos nossos hábitos inadequados, será facilitado.

Uma verdadeira mudança não pode ser somente individual. Precisa ir além. Isso se torna possível aumentando o nível de harmonia e de confiança entre os membros da comunidade. E o caminhar *juntas* acaba por contagiar positivamente também o ambiente que nos circunda.

Se conseguíssemos, além de acreditar nos dados científicos relativos à plasticidade do cérebro, crescer na certeza de que Aquele que nos chamou ama-nos pessoalmente e não nos abandona nas dificuldades e que Maria Auxiliadora ainda caminha em nossas casas pronta para nos ajudar, os espaços para a angústia, a incerteza e os medos seriam significativamente diminuídos e a vida ficaria mais leve.

Se então seguissemos aprofundando as nossas raízes na preciosa *herança recebida*, reforçando a nossa identidade pessoal e carismática, na sucessão inalterada dos dias e das gerações, no atual caminhar frenético marcado por enormes e atraentes possibilidades, como também por violências, lacerações, contradições, sombras de morte, poderíamos depor as sementes do nosso patrimônio ainda fecundas, fazê-las florir e frutificar para a alegria e a vida nossa, dos jovens e da humanidade.

E o sonho-desejo-proposta da Madre: «*dar um respiro novo e mais aberto às nossas comunidades*», tornar-se-ia realidade.

rossi_maria@libero.it

suplemento fma

**DEIXAI-VOS ATRAIR POR CRISTO!
VIVEI ESTA EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO
COM CRISTO!
DEIXAI-VOS AMAR POR ELE
E SEREIS AS TESTEMUNHAS DAS QUAIS O
MUNDO TEM NECESSIDADE (BENTO XVI)**



***IDE,
E FAZEI DISCÍPULOS
TODOS OS POVOS...
MT 28,19***



***A CRUZ DE CRISTO!
LEVAI-A PELO MUNDO
COMO UM SINAL
DO AMOR DE JESUS
PELA HUMANIDADE***

JOÃO PAULO II



dma em busca:

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

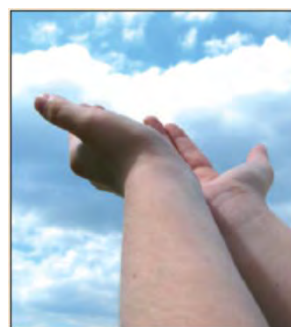


CULTURAS



A maior paixão

Mara Borsi



A fé é a maior paixão de cada homem. Existem provavelmente muitas pessoas em todas as gerações que não a alcançam, mas ninguém vai além...

(cf S. Kierkegaard).

Está à porta e bate, afirma o Apocalipse. Deus rasga a nossa solidão, colocando-se ele por primeiro nas estradas da história, tecendo um diálogo que é antes de tudo revelação do seu ser e da sua vida. No início há o amor de Deus que interpela pessoalmente.

Alcançados pela sua gratuidade, respondemos com a nossa liberdade que pode gerar uma recusa ou um consentimento.

A fé é precisamente a adesão, é agarrar a mão de Deus que nos é oferecida enquanto estamos imersos na limitação da criatura ou afundando no pecado.

Significativa, para ilustrar esta irrupção do divino em nós, com toda a sua eficácia, é a parábola da semente plantada no solo, narrada por Jesus (Mc 4, 26 – 29).

Que o camponês vigie ou durma, não é determinante para a semente, porque sozinha ela gera uma haste e depois uma espiga cheia de grãos. A fé é reconhecer que existe uma presença invisível que opera na história, é acolher com alegria aquele dom que permite viver uma existência totalmente nova.

Existe uma unidade profunda entre o ato com que se crê e os conteúdos aos quais damos o nosso assentimento. O apóstolo Paulo permite entrar no interior desta realidade quando escreve: “Com o coração... se crê... e com a boca se faz a profissão de fé” (Rm 10, 10).

O coração indica que o primeiro ato com o qual se chega à fé é um dom e ação da graça de Deus que age e transforma a pessoa no seu íntimo.

A adesão de fé é um percurso de vida: é a confiança, é o abandono ao Revelador e Redentor, é um entregar-se a ele, aos seus braços paternos. A fé tem, porém um aspecto de risco, de entrega de si, na consciência de que o horizonte misterioso de Deus é bem mais alto do que o nosso.

A fé envolve toda a pessoa na sua integridade e, portanto compreende também escolhas sociais e atitudes visíveis, produz estruturas, exprime-se em ritos e tradições.

O fio interminável da fé, iniciado com os primórdios da história humana, parece fazer-se sempre mais frágil em nossos dias, todavia, as palavras de Jesus continuam a ressoar: «Tende fé em Deus e tende fé também em mim!» (Jo 14, 1).

mara@cgfma.org

Testemunho: "Enraizados e fundados em Cristo, sólidos na fé" (cf Col 2, 7)

Eis as palavras do apóstolo, que impelem os jovens a viverem sua vida a partir da fé em Jesus Cristo.

Em breve teremos a oportunidade de viver uma nova Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. Pessoalmente tive a alegria de participar, como membro de uma comunidade de acolhida, na JMJ de Madri, em agosto de 2011.

Todos nós vimos grandes gestos, tanto nos pátios salesianos cheios de jovens do Movimento Juvenil Salesiano (Atocha e Carabanchel), como na vigília de Cuatro Vientos. Mas há outros gestos que falam ainda com maior força, são os da intimidade, os do silêncio, os feitos quando a porta se fecha e a luz se apaga; eis a grandeza da nossa fé e da fé dos jovens. Os grandes eventos nos fazem ver o que existe, mas não é sempre visível.

Na Espanha é lamentável observar que os jovens abandonam as celebrações dominicais; vivemos um período de seca quanto às vocações para a vida consagrada; a crise dos valores afeta, sobretudo, aqueles que devem escolher uma direção para a própria vida. Todavia, neste contexto de dificuldades, observa-se que nos grandes eventos promovidos pela Igreja católica milhares e milhares de jovens lotam as

paróquias de grandes cidades e demonstram com alegria sua escolha explícita por Cristo: gritam por toda parte que a proposta cristã é atraente e vale a pena vivê-la hoje.

Embora ainda existam famílias que são verdadeiras comunicadoras da fé, sobretudo graças às avós, já faz algum tempo que na Espanha trabalhamos com crianças e jovens que escutam falar de Deus pela primeira vez na escola e nos encontros dos grupos de aprofundamento.

Nestes últimos anos, eu tive a oportunidade de conhecer jovens que vivem a sua fé e a exprimem em gestos concretos. Quase todos têm o apoio da própria família, que os encoraja a progredirem na sua escolha de fé. Há outros que encontraram Deus depois de um tempo de afastamento e de busca, outros ainda fizeram uma escolha séria depois da crisma ou quando foram enviados a um serviço concreto.

Temos nas mãos a possibilidade de fazer propostas. A fé não é uma realidade a ser vivida em privado, somente no coração, embora as políticas de quase todas as nações ocidentais procurem fazê-la tornar-se assim. A fé é expressa no serviço aos outros, nas nossas escolhas cotidianas. É exatamente aqui que os educadores são chamados a dar testemunho. É apenas deste modo que podem exigir dos jovens a coerência necessária para serem cristãos hoje e continuar a avançar com eles, sempre firmemente enraizados em Cristo Jesus.

Ir. Maribel Gómez, Espanha

PASTORALMENTE



Nem programa, nem conteúdos, mas um mapa

M. Borsi, P. Lionetti, A. Mariani

Como pensar os itinerários de Educação à Fé no tempo da Rede. Linearidade ou retícula? Muitos afirmam que nós estamos no tempo do relato breve e não do romance. Compreendemos que devemos projetar

de modo diferente, mas é difícil passar da intuição à ação.

O itinerário não é um programa já feito para ser aplicado, com conteúdos a serem transmitidos e assimilados passivamente: ele é um «mapa de referência» que guia o caminho a ser percorrido em primeira pessoa, segundo possibilidades e situações diversas.

As etapas, nas quais é articulado, são aspectos complementares e frequentemente devem desenvolver-se simultaneamente, mesmo se com intensidade e prioridades diferentes.

O itinerário vivido com a mentalidade do mapa ou rede, ajuda a não perder de vista o conjunto, mesmo quando se olha para o imediato; a cuidar da organização dos diversos aspectos, mesmo quando se presta atenção ao particular; a integrar as diversas intervenções, de modo que se enriqueçam mutuamente e promovam um dinamismo e uma transformação nas pessoas e nos grupos com os quais se age.

O perigo é esquecer que na educação, e sobretudo na educação à fé, o protagonista não é o educador ou a educadora que ensina ou forma, e menos ainda o programa ou o catecismo, mas a pessoa que se abre livremente a uma outra, a Deus, o qual a chama e a desafia: é o encontro de duas liberdades em diálogo. O itinerário apresenta simplesmente algumas constantes e referências fundamentais que ajudam a discernir em cada momento os desafios e as possibilidades presentes e a cuidar da integridade e da organização das respostas, dos passos a serem dados e daqueles já realizados. Esta é ao mesmo tempo a riqueza e a fraqueza de um itinerário de educação à fé.

Tornar-se cristão

A práxis eclesial atual tende a retomar o paradigma da iniciação cristã e do catecumenato para descrever o «tornar-se cristão».

Manifesta-se assim a profunda mudança da situação na qual hoje a Igreja deve realizar a sua missão: de um contexto caracterizado pelos valores cristãos e no qual a educação à fé ocorria na família e mesmo no ambiente social, a um contexto sempre mais secularizado e pluralista no qual a opção de fé não encontra apoio nem no ambiente nem nas instituições sociais.

Nesta situação, em muitos aspectos bastante semelhantes aos das primeiras comunidades cristãs, tornar-se cristão não é um processo natural profundamente inserido no processo da socialização, mas uma opção pessoal, que se desenvolve em um contexto de conversão da mentalidade e da conduta, e em um aprendizado de vida por meio do acompanhamento e do confronto com uma comunidade cristã.

O itinerário, que não deve ser um esquema rigidamente preconcebido, mas uma orientação a ser seguida com mentalidade aberta e flexível, é o instrumento pedagógico por meio do qual se desenvolve e se vive o espírito e as finalidades da

iniciação cristã: isto é, a iniciativa de Deus que chama e do Espírito que nos precede e abre os corações à Palavra, a centralidade de um primeiro anúncio que conduza a um encontro pessoal com Jesus Cristo e à conversão, a concepção da fé como uma relação vital em resposta ao dom de Deus.

O itinerário é designado para responder a uma visão antropológica e pedagógica integral que leve em conta os desafios do “mundo digital” e que supere uma visão dualista, pela qual concebe-se a fé como alternativa ou complemento à razão e o humano como diferente, se não oposto ao cristianismo.

Mente, coração e mãos

A atenção aos jovens que vivem num ambiente de indiferença e de superficialidade, com uma concepção negativa e preconceituosa de Igreja e da fé cristã, exige de nós, evangelizadores e evangelizadoras, a proposta de um itinerário específico que os ajude a desenvolver a dimensão religiosa de sua existência, desperte neles o senso de Deus e, deste modo, os abra e os disponha ao anúncio da primeira evangelização.

Por isso, é indispensável propor experiências que ajudem a assumir as atitudes humanas que estão na base da abertura a Deus (a interioridade, saber entrar em si, a capacidade de silêncio, a escuta de si mesmo e dos outros em profundidade); a capacidade de se admirar e de se maravilhar diante do bem e do belo; o sentido do dom e da gratuidade, experiências estas implícitas numa proposta que certamente perfaz uma formação religiosa crítica e sistemática que ilumine a mente e desenvolva a busca de sentido, juntamente com a prática da «proximidade»: educar à comunicação e à partilha, à participação e à responsabilidade, à doação, ao serviço gratuito e à solidariedade...

Por meio desses passos que já são o início de um verdadeiro caminho de evangelização, a pessoa abre-se e se dispõe a escutar o anúncio e a responder positivamente, sobretudo quando é animada e acompanhada por uma comunidade cristã que testemunhe a sua aproximação e o seu desejo sincero de comunicar vida e sentido.

Identidade, Amor e Futuro, como educação para a escolha, poderiam ser as áreas de intervenções concretas das quais tornar a partir para projetar os itinerários de educação à fé no contexto da cultura contemporânea, na lógica do mapa.

mara@cgfma.org



Os jovens do Brasil para a JMJ



Ir. Elizabeth Pastl Montarroyos, é a responsável fma do Movimento Juvenil Salesiano (MJS) do Brasil. Perguntamos a ela como os jovens de sua terra estão se preparando ao grande evento da JMJ que acontece neste mês no Rio de Janeiro.

De que modo o Movimento Juvenil Salesiano do Brasil está vivendo este período de preparação para a JMJ?

O Movimento Juvenil Salesiano do Brasil está vivendo este tempo de preparação à JMJ com muito empenho e muita esperança.

Diversos jovens estão envolvidos nos grupos de trabalho de preparação às diversas atividades da JMJ e dos encontros que terão durante aqueles dias, como o encontro continental América do MJS de 18 a 21 de julho com o tema “Jovens evangelizando jovens” e a festa mundial do MJS que acontecerá no dia 24 de julho com a participação dos jovens do MJS do mundo todo.

São dias de expectativas, orações, organização, aprofundamento do tema da JMJ, dos documentos do Instituto e da Igreja na palavra do Papa, e tempo de alegria, com a possibilidade de conhecer muitos jovens do MJS que vivem a mesma espiritualidade salesiana e que virão ao Rio de Janeiro.

Muitos jovens do MJS estão também inseridos na preparação e acolhida de muitos outros jovens que participarão das pré-jornadas, ou seja, da semana missionária que precede a JMJ, concretizando o grande apelo que o Papa nos fez: “Ide e fazei discípulos entre os povos”.

O que significa para os jovens brasileiros ter esta ocasião de encontro?

Significa uma oportunidade para concretizar o apelo que Jesus continua a fazer-nos: “Ide pelo mundo e fazei discípulos todos os povos” com gestos concretos de acolhida, de alegria pelo encontro, fazendo-se missionários entre outros jovens.

É uma experiência belíssima viver a alegria de uma grande família que caminha com o mesmo ideal de anunciar Jesus a todos os jovens do mundo.

A AJS/MJS é para os jovens um “lugar” de experiência de vida e de fé. Oferece-se aos jovens a oportunidade de viver a solidariedade, de refletir sobre o sentido da própria vida, que deve ser acolhida e doada para o bem do próximo.

É uma ocasião para o aprofundamento da Espiritualidade Juvenil Salesiana para que percebam a vida no cotidiano como espaço privilegiado de encontro consigo mesmos, com os outros e com Deus, certos de

que na alegria e no cumprimento da própria missão vive-se a santidade.

Nas pegadas de Dom Bosco e de Madre Mazzarello o MJS favorece a criação de grupos de interesse nos quais cada jovem faz experiência de crescimento pessoal e de amadurecimento da fé.

A identidade de pertença ao movimento juvenil salesiano pelos jovens, está crescendo?

Com o empenho de preparação para a JMJ está crescendo cada dia mais o senso de identidade e de pertença ao MJS. Ele nos dá a dimensão real da nossa atuação como Pastoral Juvenil.

Convida-nos a viver plenamente nossa vida cristã de entrega e doação ao próximo, enfrentando a vida como o projeto querido por Deus e fazendo discernimento deste projeto na complexidade do mundo atual. Este comporta a necessidade de cultivar uma relação mais estreita com Cristo, conscientes de que o verdadeiro sentido da vida está em recomeçar a partir Dele, realizando um verdadeiro encontro com a sua pessoa, fazendo discípulos e missionários, aprendendo do Mestre a dignidade e a plenitude de vida.

No âmbito da jornada haverá um encontro mundial com todos os jovens do Movimento Juvenil Salesiano. Qual a mensagem que você quer enviar?

Cada cristão é missionário e deve fazer de sua vida uma missão, anunciando o Evangelho da alegria ao mundo. Os jovens são a carta de Cristo escrita para ser conhecida por outros jovens.

O tema da jornada “Ide e fazei discípulos todos os povos!” de que modo é atual para os jovens do Brasil de hoje?

O tema da jornada mundial da juventude é atual porque somos chamados à santidade e a sermos missionários em nossas realidades.

Enquanto acolhemos com simpatia este convite estamos acolhendo Jesus em nossas vidas.

A partir do chamado somos conduzidos à conversão, ao discipulado, à comunhão, preceitos fundamentais para se tornar missionário e semear o amor e a alegria de ser cristão.

Responder ao chamado de Jesus é participar da vida de Jesus, colaborando com Ele na construção de um mundo melhor.

Nas pegadas do Mestre o discípulo assume a centralidade do mandamento do amor em sua vida e é levado a confrontar suas próprias atitudes éticas e religiosas, com as atitudes de Jesus, assumindo a centralidade do mandamento do amor: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

EM DIÁLOGO



Entrevista com Rachael Chadwick e April Cabaccang



Rachael é uma ex-aluna das Irmãs Salesianas de Liverpool, Inglaterra. É a coordenadora do grupo das professoras da escola primária e, é voluntária, do VIDES UK.

April é uma aspirante e vive com as fma em Ontario, Canadá. Frequentou a paróquia salesiana em Surrey, British Columbia, Canadá.

De que modo a pedagogia salesiana da bondade orientou sua vida?

Rachael: Quando volto a pensar nos dias em que fui aluna da escola secundária tenho belas recordações. *San Giovanni Bosco High School*, de Liverpool, era uma comunidade com um forte espírito de família. A

educação em uma escola salesiana significa muito mais do que apenas o sucesso escolar. Fui acompanhada num percurso de crescimento social e espiritual. Sou a pessoa que hoje sou, porque as Irmãs salesianas que encontrei durante aqueles anos, sempre souberam gastar tempo comigo. Depois das aulas eu ficava trabalhando com as Irmãs como voluntária, pelo VIDES do Reino Unido, que me levou para a Itália, Filipinas, Quênia e várias regiões do Reino Unido.

April: Cresci numa paróquia dirigida pelos salesianos de Dom Bosco, no Surrey, e fiquei maravilhada com o seu modo gentil de tratar os jovens. Davam-nos sempre a possibilidade de crescer na vida espiritual e de desenvolver os nossos talentos, organizando tardes inteiras de encontros ou atendendo as confissões, sentados no confessionário durante horas. A paróquia era como uma segunda casa para muitos jovens. Eu gostaria, agora, de retribuir aos jovens a gentileza que deles recebi. Quero introduzi-los na amizade com Jesus e Maria, de modo que, quando passarem pelas tempestades da vida, permaneçam firmes em sua fé.

Quais respostas o carisma salesiano pode dar aos jovens de hoje?

Rachael: Contrariamente à crença popular, os jovens são abertos também à espiritualidade e frequentemente são numerosos nos trabalhos onde se colocam a serviço dos outros. Tenho um forte desejo de transmitir o que recebi. Na realidade, penso com frequência nas Irmãs salesianas que fizeram a diferença em minha vida e me pergunto: “o que devo fazer nesta situação?”. E a resposta é: “Diga aos jovens que são amados/ confiáveis/ valorizados”.

April: No Centro Dom Bosco, Markham, temos programas para jovens adultos de Greater Toronto Area, como retiros, catequeses, voluntariado, discernimento e acompanhamento no projeto e escolha vocacional. Eu sou testemunha da variedade criativa com que as Irmãs salesianas do Canadá usam razão, religião, amorevolezza para orientar os jovens, ajudá-los a encontrar Deus na vida de cada dia e compartilhar a sua bondade com os outros.

dma comunicar:
*informações, notícias e novidades
do mundo da mídia*



FAZ-SE PARA DIZER



Memória e comunicação

Maria Antonia Chinello

A *memória* é uma das categorias com que interpretar o processo comunicativo, no ato de *assegurar a transmissão*, no tempo e no espaço, dos elementos mais significativos de uma cultura contribuindo assim à construção de uma comunidade de pertença, à coesão social.



Na raiz desta intenção encontra-se a exigência da comunidade de representar acontecimentos, mitos e tradições para poder conhecê-los (e fazê-los conhecer) em nível mais profundo.

Que relação há entre memória, história pessoal, relato e tradições de povos em um tempo que corre e muda rapidamente?

Temos pouca, muito pouca memória ou, ao contrário, possuímos muita, até demais? Corremos o risco de perder a memória e de privar-nos da história?

Memórias mediais, memórias sociais

Fotografias, diários, apontamentos, contas bancárias, áudios, vídeos, arquivos esparsos entre *tablet*, laptops, celulares e Rede. A nossa vida, sempre mais digital, está espalhada em bytes. Pensamos o digital como alguma coisa de “imaterial”, mas na realidade ele é muito concreto e requer a ocupação de espaços de memória.

Vivemos a ansiedade de perder o celular; multiplicamos os arquivos por medo de que um *black-out* ou qualquer outro imprevisto cancele, limite ou impeça o acesso aos dados pessoais; experimentamos a preocupação de “tudo” o que deve ser documentado, arquivado e ficar disponível, em uma busca de dados, notícias e atualizações... quase mergulhados num eterno presente.

As memórias sempre mais tecnológicas, nos remetem a uma “historicidade mediada” por máquinas e aparatos, que desbaratam as formas de memória tradicional, a espontânea, a *oral* de transmissão direta entre as gerações, a *institucional* das grandes agências educativas.

As novas gerações parecem “desmemoriadas” e com escasso interesse pela história. E, em nível social, lutamos entre *hipertrofia* (de informação e narração histórica) e *atrofia* (de conhecimento e sentido do passado).

Memória e identidade pessoal e social

Não podemos fazer a menos da memória. É necessária para definir quem somos, como indivíduos e como comunidades.

Cada época tem seus instrumentos para fixar a memória, conservar os fatos, repassar a experiência. Hoje, televisão, cinema, rádio, imprensa, Internet, podem ampliar ou limitar as oportunidades de lembrança. O fato de que hoje se conhece o passado quase essencialmente graças à visão de produtos da indústria da mídia (documentários, filmes, relatos audiovisuais), com a participação à distância de eventos e de acontecimentos (telecomunicações, webcam, videoconferências, etc.) e sempre menos por meio do encontro com testemunhas oculares e da escuta de narrações orais, não está privado de consequências com relação aos mecanismos da construção da identidade e da memória.

Há repercussões relativamente ao sentido de continuidade geracional, ao sentir-se ou não pertencente a uma específica comunidade com as suas

tradições, à conexão que existe entre lembrança individual e memória coletiva.

Memória e educação

De onde partir para educar à memória e à história, com base na experiência de hoje?

* O passado fragmentado em cliques da mídia não é capaz de fornecer uma representação da história como processo linear e de definir um sentido de profundidade histórica ancorado numa origem ou em pontos estáveis, porquanto as memórias estão constantemente sujeitas a processos de reformulação e expansão, por meio da incessante produção de novas versões, articulações da história e referências recíprocas.

* A lógica da “sobrecarga de informações” constante, prática cotidiana e inexaurível que acompanha a aceleração do tempo e a mutação contínua, junto ao modelo dinâmico da construção dos dados gerados vez por vez pelo usuário, evidencia a fragilidade da lembrança e a vulnerabilidade da memória, porquanto a Internet é hoje talvez o mais amplo armazém do conhecimento, um arquivo instável, que dia a dia se remodela na base das atualizações que os seus produtores-usuários constroem. É um espaço sujeito à transformação contínua, incapaz de fornecer garantias a respeito da permanência dos dados “tais e quais” foram produzidos na origem.

* O risco de novas formas de discriminação baseadas na possibilidade de ter acesso ao conhecimento oferecido pelas tecnologias digitais. Um certo *apartheid* tecnológico faz supor que, se de um lado a tecnologia parece portadora de novas democracias, de liberdade de palavra e ação (sobre o passado e sobre o presente), de outro lado ela impede em alguns casos o acesso ao saber (e ao passado) a quem não está apto a utilizá-la.

O Instituto é memória viva, “memória perigosa”. Nossa experiência vocacional nos insere nos sulcos traçados por quem nos precedeu na história da salvação e por gerações de Irmãs que, de várias maneiras e em tempos diferentes, realizaram a aliança de amor com Jesus dedicando-se, como Dom Bosco e Madre Mazzarello, à missão de “evangelizar educando” (*Nos sulcos da aliança*, 5).

“Faz-se para dizer”, desta vez significa então, educar-nos para *recuperar o sentido da história e da memória* a fim de superar uma visão global, planetária, que é suscetível de ser constituída por um único presente, de um “aqui e agora” infinito, mais ou menos governado por um Grande Irmão midiático, e voltar a transmitir às gerações futuras o “sonho” que nos fascinou: que os jovens tenham vida em abundância, e sejam felizes aqui e na eternidade.

mac@cgfma.org



Mulheres a serviço do Reino

Bernadette Sangma

Mary Getui, uma mulher, mãe de três filhos e professora no departamento dos Estudos Religiosos na Universidade Católica da África Oriental, é membro da EATWOT, Associação Ecumênica das Teólogas do Terceiro Mundo, do qual é a coordenadora africana desde 2010. Pertence também ao Círculo das Teólogas Africanas desde a sua fundação, em 1989. E também é a presidente do Conselho Nacional para o controle da AIDS, no Quênia, desde 2009 até hoje.

Mary Getui é uma mulher altamente empenhada em nível acadêmico, na elaboração do pensamento em diálogo entre ciência e fé, mas é capaz de manter contato direto com a gente do povo, sobretudo com as mulheres.

Qual é a contribuição específica das teólogas no anúncio do Reino de Deus?

Antes de tudo, as teólogas podem estar em nível acadêmico ou a serviço do ministério na Igreja e pela vida.

Em nível acadêmico, com o grupo do Círculo das Teólogas Africanas, levamos adiante uma reflexão que interpela frente a frente a cultura, a vida cotidiana e sua contribuição à plenitude da vida.

Na base desta aproximação está a definição do Reino de Deus como promoção, proteção e valorização da vida que, entre outros ensinamentos, é o que entendemos nos evangelhos.

Neste aspecto, uma das estratégias mais utilizadas por nós é o trabalho em equipe por meio do qual deixamos-nos interpelar pelos problemas das comunidades. Assim, superamos o perigo de permanecer no abstrato, procuramos ir e colher a história de Deus na trama da vida humana seja individual, seja coletiva. Em tudo isso temos sempre em mente um provérbio Akan, uma das etnias de Gana: “Para poder voar, o passarinho precisa de duas asas”.

Somos conscientes de que, por quanto falemos do papel e do potencial das mulheres, não devemos negligenciar o lado humano complementar constituído pelos homens e que a sociedade tem necessidade de mulheres e homens para edificar o Reino de Deus. Nós

mulheres, teólogas ou não, podemos ser exemplares também neste reconhecimento, já que vivemos em uma sociedade que muitas vezes exalta somente o lado masculino.

Você afirma: “Toda mulher é teóloga porque, em geral, as mulheres são muito espirituais”. O que você quer dizer?

Não se pode ignorar o particular cunho espiritual que existe na alma da mulher. Por exemplo, podemos constatar que o número de mulheres prevalece sobre o número dos que participam das celebrações religiosas e litúrgicas. Não se trata somente de número e/ou de participação, é a manifestação do seu grande desejo de se relacionar com o Absoluto.

Na África as mulheres, sobretudo a geração de minha mãe, altamente enraizadas nas práticas tradicionais culturais, vivem e veem Deus em cada acontecimento da vida. A sua confiança em Deus se aprofunda, sobretudo nos momentos das grandes dificuldades e das provações.



Nas situações de guerra e de grandes calamidades, que não faltam na África, são elas que não arredam pé. São elas o motor que continua a gerar a sociedade e sem elas algumas se extinguiriam. Para as mulheres gerar é algo natural porque como mães participam do mistério da co-criação com Deus.

Na África há mulheres que se tornaram grandes produtoras de gêneros alimentícios. A estatística da ONU diz que na África Sub-Saariana, 80 a 90% dos gêneros alimentícios são produzidos e vendidos pelas mulheres. São elas que sustentam a sobrevivência dos outros membros da família muitas vezes preferindo-a à própria.

Em síntese, podemos dizer que as mulheres estão sempre a serviço da vida e em comunhão com a Vida, que é Cristo. Se pensarmos que “fazer teologia” é compreender Deus baseando-se na sua revelação na Bíblia e na vida, as mulheres que se agarram a Deus nos acontecimentos cotidianos da vida inspiradas e sustentadas pela sua Palavra, são verdadeiras e autênticas teólogas. É um fazer teologia em prol da vida, com a vida e por meio da vida.

Como teóloga, de que modo você leria a passagem de Mateus 13, 33: «O reino dos céus pode ser comparado ao fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha para que toda a massa se fermentasse»?

O fato de que Jesus use uma imagem feminina para representar o Reino de Deus merece uma consideração especial.

No tempo de Jesus, o pão era preparado em família pelas mulheres para o consumo familiar. É interessante

saber que, no Antigo Testamento, em geral, o fermento era considerado o elemento corruptor.

Jesus ao invés o compara ao anúncio evangélico. Na fermentação da massa humana, Jesus valoriza o papel e a sabedoria feminina, que não pode ser substituída. De fato, eu acredito que por mais que nós mulheres possamos ser profissionais, existe o privilégio de origem divina que não se pode esquecer: o de tornar-se mães.

Este privilégio nos dá a possibilidade de colocar o fermento do Verbo na massa humana dos nossos filhos, desde pequenos. Ser mães nos faz nos tornar professoras, juízas, árbitras: temos um papel especial na sociedade e na Igreja.

A passagem acima citada de Mateus coloca em evidência outro elemento do qual as mulheres podem ser símbolo. É a paciência. O fermento colocado na massa requer a paciente espera até que a ação transformadora possa ocorrer. As mulheres, que no próprio corpo esperam por nove meses o gradual crescimento da vida, são também capazes de esperar a ação do fermento do Verbo nos corações dos seus filhos e das outras pessoas.

sangmabs@gmail.com commac@cgfma.org

No próximo número



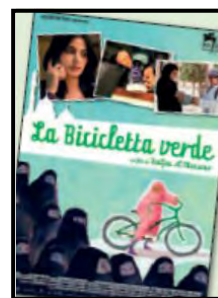
DOSSIÊ:	De filhas a mães – <i>Mulher, eis o teu Filho</i>
FIO DE ARIADNE:	A Maternidade
CONSTRUIR A PAZ:	A corrida para o desarmamento
PASTORALMENTE:	Os pilares da vida
FAZ-SE PARA DIZER:	Comunicação e narração ao feminino



A BICICLETA VERDE

de Haifaa Al Mansour

Arábia Saudita/Alemanha, 2012



Apresentado na 69ª Mostra de Veneza com o título original *Wadjda* (A protagonista), o filme de Haifaa Al Mansour, primeira mulher cineasta da Arábia Saudita, tem êxito e conquista o público no Lido onde obtém o prêmio *Cinema d'Arte e d'Essai* – Cinema para a paz e a riqueza das diversidades – e *l'interfilm Award for Promoting Interreligious Dialogue*. A especificidade dos reconhecimentos o colocam em evidência como filme 'caso', destinado a permanecer na História por muitas razões: é o primeiro realizado inteiramente na Arábia Saudita e dirigido por uma mulher, 38 anos, diretora em um País onde 'a outra metade do céu' não tem voz e os cinemas não existem realmente. Com estreia feliz, acolhida com aplausos e comoção por uma plateia fascinada pela sua história simples e significativa, "A bicicleta verde" é uma narrativa sugestiva, entre a realidade e a metáfora, do desejo das mulheres e das meninas árabes de conquistarem a igualdade de direitos.

Por trás da aparência de simples comédia, a diretora elabora uma denúncia corajosa nas intenções e no resultado, uma história que conquista pela delicadeza e pelo olhar.

São duas ou quatro rodas, rumo à liberdade

Aconteça o que acontecer, já existe um primado, lembra com alegria a diretora na sala de imprensa: «Estou orgulhosa de haver rodado o primeiro longa-metragem jamais filmado no Reino Saudita. Há no País muitas meninas como Wadjda que têm grandes sonhos, fortes personalidades e muito potencial: elas podem remodelar e redefinir a nossa Nação, e penso que o farão.

Eis o horizonte para o qual eu olho. Espero, porém que o filme fale do tema universal da esperança e perseverança com as quais possam se relacionar as pessoas de cada cultura».

O lugar no qual a história é ambientada é fundamental para a própria história.

Encontramo-nos na Arábia, e a história que é narrada existe porque está inserida nesse contexto específico.

Eis porque, depois da primeira declaração, Haifaa prossegue trazendo à luz o motivo pelo qual escolheu um objeto simbólico: a bicicleta – 'as duas rodas' – para a sua pequena narrativa de emancipação feminina 'rumo à liberdade': «Uma das dificuldades maiores foi rodar em lugares nos quais não se podia nem mesmo colocar o pé. Eu não conheço as estradas do meu país porque as mulheres

não podem rodar 'livremente'. E muito menos guiar. Precisei depender 'completamente' dos homens da minha equipe».

Nascida em um ambiente familiar decididamente liberal, pôde laurear-se na Universidade do Cairo e especializar-se em estudos cinematográficos em Sydney, por isso engaja-se para "romper o silêncio árabe" levando para as telas internacionais a situação das mulheres sauditas e suas aspirações. Ela faz isso por meio de uma menina de 10 anos que vive na periferia em Ryadh, a capital Saudita. Vivaz e afetuosa, mas também empreendedora e rebelde, suporta com dificuldade o véu e as outras imposições da tradição. Negligente com as reprovações das mulheres adultas, brinca com Addullah, um coetâneo do quarteirão com o qual não tem permissão para brincar e, seguindo-a de bicicleta, a provoca. Ela gostaria de desafiá-lo, põe os olhos numa belíssima bicicleta verde à venda, mas há 2 problemas: não é tolerado que mulheres andem de bicicleta e custa caro. Ciente de que sua mãe está muito ocupada para convencer o marido a não ter uma segunda mulher e perceber o que está acontecendo, decide experimentar ganhar o dinheiro. Exatamente quando está para desistir, a diretora da escola organiza uma competição de recitação do Corão com um prêmio em dinheiro e Wadjda se engaja. A competição não será fácil, especialmente para uma "encrenqueira" como ela, mas não desiste: está determinada a lutar pelos seus sonhos, pelo seu futuro.

O olhar da diretora acompanha com delicadeza e perspicácia o desenrolar-se da vida cotidiana em Riyadh, onde o encontro/desencontro entre regras impostas pelo Corão e a modernidade que empurra os limites, vive momentos difíceis. O seu filme desliza com um ritmo alegre e cativante, longe dos pesos daquelas teses. Capaz de surpreender com a sua espontaneidade e o seu desencanto, com o sorridente frescor encarnado no rosto travesso e questionador da protagonista. A telecâmera a acompanha quase sempre ao longo da caminhada da casa à escola, momentos nos quais sonha com um futuro livre e desvinculado dos preconceitos. «Sem gritar, sem deixar extravazar sentimentos nem denunciar mudanças, o roteiro persegue aquele desejo de humanidade e sabedoria que emerge quando o sopro da inteligência prevalece e une pessoas de diferentes gerações – comenta a avaliação pastoral. Se este primeiro título rodado na Arábia com um elenco todo saudita pode valer a partir de um perfil histórico/estatístico, bem mais consistentes, incisivos, sérios, são os méritos do filme com referência ao desempenho. O desafio vencedor de Haifaa é dúplice: o da mensagem e o do seu papel de mulher diretora na sociedade saudita.»

PARA REFLETIR

Sobre o tema do filme

Levar ao mundo e às escolas a história de Wadja é contar a história de milhares de crianças, jovens e mulheres sauditas que veem todos os seus direitos fundamentais negados.

De fato, com este fascinante e importante instrumento rapazes e moças se colocam na condição não apenas de conhecer e compreender aspectos pouco conhecidos de um País, mas também de poder contribuir consciente e efetivamente na construção de uma cultura universal dos direitos da mulher na Arábia Saudita e no mundo. Seguindo o exemplo da própria diretora bem como da indômita protagonista do filme.

Haifaa Al Mansour é muito conhecida no seu País por outros curtas-metragens e documentários que causaram agitação. Em outras palavras, por haver procurado “romper o silêncio” que envolve a vida das mulheres na sua Terra, constrangida a crescer como Wadja em escolas somente femininas, nas quais a indiscutível rigidez impositiva da reitora sentenciava: «A voz da mulher não deveria nunca ultrapassar as portas. A voz da mulher é a sua nudez. Quero lembrar-lhes que a escola é o lugar do ensino e da moralidade. De agora em diante não é mais permitido trazer flores ou cartas para a escola, nem tomar-se pela mão (...)».

Sobre o sonho do filme

Que a atual adolescente Wadja que tanto lutou, com sucesso, para ter uma bicicleta, quando for grande, possa ter juntamente com todas as jovens sauditas um dos mais importantes direitos: o de mover-se livremente.

Direito que, como mostra o filme, é negado por uma legislação absurda que impede as mulheres de colocar-se ao volante. “A revolução se faz se houver uma jovem no assento”, declara de modo convincente o filme. «Obra importante capaz de enxertar a pequena história no grande fluxo dos fatos que mudam a História», escreve a avaliação pastoral do filme.

Em 1990, 40 mulheres saíram de carro e dirigiram ao longo de uma das ruas principais da capital Riad para desafiar esta tradição. Foram detidas, algumas ficaram desempregadas e a ação delas durante anos foi estigmatizada nos sermões religiosos e nos círculos sociais. Em 2011 outras ativistas tornaram a lançar via Internet a campanha contra essa proibição correndo o risco de serem presas e constrangidas a assinarem o compromisso de desistir.

Todavia, não obstante as recentes declarações do rei Abdullah, é ainda proibido para elas viajar, ter um trabalho remunerado, ter acesso à instrução superior ou casar-se sem a autorização de um homem que tenha poder sobre elas!

m.perentaler @ fmailitalia.it

O LIVRO



Mariapia Veladiano

O TEMPO É UM DEUS BREVE

Adriana Nepi



«Há três meses Tomás começou a chorar e não parou mais... Uma violenta dermatite vinha cobrindo com uma crosta o seu corpinho, e lhe dava uma contínua coceira. Ele se arranhava até tirar sangue com suas unhas sutis, pequeno Jó sem culpa... Eu o olhava e me perguntava como era possível tanta dor. Passará, é uma doença benigna... Mas, o choro de uma criança é um absoluto; cada criança que nasce é uma estrada possível que o mal pode percorrer». É a mãe, a protagonista, que relata. Chama-se Ildegarda, é uma jovem mulher que trabalha em Milão como jornalista para uma revista católica, e também o marido, Pierre, é jornalista.

Eles são muito diferentes: ela, filha única, foi esperada por longo tempo pelos pais, valorosos camponeses; ele, da alta sociedade, terceiro filho não desejado nem amado por uma mãe árida e perenemente depressiva.

Cresceu passando de uma babá para outra, sempre se sentindo intruso, e isso o tornou incapaz de dar e receber amor. Ildegarda ama muito o marido belo, culto, superdotado, e procurou nele, talvez inconscientemente, um refúgio afetivo, tendo-o desposado depois da perda quase simultânea dos pais.

Ela intui o mergulhar-se de Pierre num profundo pessimismo, quase se tornando uma doença do

espírito, mas não consegue entabular um diálogo esclarecedor. Nem mesmo o nascimento de um filho, todavia não querido por ele, o envolve. Rapidamente entre os jovens cônjuges o relacionamento vai se deteriorando até que, três anos depois do casamento, Pierre desaparece sem nenhuma explicação. A dura ferida do abandono se mescla com o medo que se transforma em pesadelo, na mente de Ildegarda.

Parece de fato que a sombra da morte tocou muitas vezes o filho que é toda a sua vida, o pequeno e adorável Tomás: e além do mais, o que será dele sem o pai?

Ildegarda estudou teologia, graduou-se naquela ciência com a qual iria perscrutar o mistério de Deus, mas a fé é um dom a ser medido em uma verdadeira luta com Ele. Eu tinha fé ou pensava ter fé? pergunta-se depois de haver procurado em vão uma resposta às perguntas (aquelas de sempre, aquelas de todos) onde a sua fé parece não poder dar resposta.

Pode Deus querer que morram as crianças? Se é onipotente, por que não as salva?

Não pode, não pode! Somente se Deus não pode salvar-nos do mal, salva-se o amor de Deus.

E cai, também ela, que estudou tanto, na equívoca escapatória da impotência de Deus, com a qual muitos pretendem salvar... o bom nome do seu criador e salvador. A mulher acaba por cair vítima de uma agitação, de um medo quase obsessivo: basta o aceno a uma doença, a uma desgraça, para que a sua imaginação veja o seu menino sob as rodas de um automóvel ou sobre o leito de um hospital ou até mesmo num necrotério de mármore. Contribui talvez para torná-la morbidamente apreensiva no seu trabalho como redatora de uma revista católica, onde precisa comentar em chave de esperança tantos fatos trágicos do cotidiano.

Circunstâncias providenciais fazem com que a partir do fundo nebuloso do Vale do Pó a história se transfira para os esplêndidos topos nevados do Alto Adige.

A mudança da paisagem é quase metáfora de uma virada em vertical: do medo que se tornou obsessivo, dos fantasmas do passado, das dúvidas lacerantes do pensamento ao despertar da esperança, a um reencontrado sentido da vida. A necessidade de se evadir, ao aproximar-se o Natal, do ambiente sufocante no qual vivem em Milão induz Ildegarda a pedir a um amigo perito em montanhas: "Você conhece um

paraíso distante daqui, isolado e cheio de neve onde possa passar o Natal com Tomás?". "Campodalba", responde o amigo.

E lá vem o milagre. Lá em cima, no único albergue, alegre e hospitaleiro, um homem chora, num canto... É um pastor luterano; perdera o único filho e a mulher o havia abandonado, intolerante com uma presença tão associada ao menino perdido, à lembrança de um Deus que ela detesta com todo o seu rancor de mãe ferida. Ele também (Dieter é seu nome) agora é tocado pela tremenda e inconfessável dúvida: onde está Deus?

Tomás se familiariza logo com o desconhecido, encontrando finalmente nele o pai que lhe faltou, e lhe faz perguntas permitidas somente à espontaneidade das crianças: como se chamava o seu menino? Quantos anos ele tinha? Como morreu? E o homem lhe respondia com ternura paterna, parecendo-lhe ter encontrado nele alguma coisa do seu Martin, que havia perdido.

Um pouco por vez, como o desabrochar de uma vida nova depois de um furacão, nasce entre Dieter e a mãe de Tomás uma calorosa amizade, até que ambos, o homem que se sente um naufrago da vida e a mulher doente de medo, conhecem o poder de cura do amor.

Um acontecimento que corria o risco de terminar em tragédia vencerá as últimas resistências de Ildegarda. Depois de anos, uma forma latente de epilepsia se desencadeia e o garoto sofre um violento ataque; os dois juntos cuidam dele.

A prova é superada, mas a mãe, num ímpeto desesperado de amor, ofereceu a vida, sem perceber que oferecer a vida quer dizer pedir a morte. E a morte se anuncia próxima, agora pendente na paz. «Eu falo sempre com Deus, mas eu sempre fiz isso. Ele não responde, mas também isso sempre fez. Tudo bem, em tudo Ele está presente. O que é preciso fazer é nada desejar, amar tudo. E esperar. Esperar que não seja esta a última palavra. É de Deus, a última palavra».

O livro se revela no final como uma espécie de autobiografia espiritual conduzida com grande sabedoria narrativa, sobre a trama de um romance. Começa com o choro de um menino, amplia-se em uma série inquietante de questionamentos e termina com um ato de puro abandono à fé.



A MÚSICA NOS *TEEN-DRAMA*

Mariano Diotto

«Você sabe? Todas as músicas acabam, Jake, mas esta é uma boa razão para não se ouvir mais música?» (de *One tree Hill*)

A conexão entre a televisão e a música sempre foi bem sucedida e produtiva para ambas. Todas as televisões do mundo destinam uma parte do seu programa à música e efetivamente em 1981 nasceu a MTV que foi a primeira televisão dedicada somente à música. Desde a sua estreia conseguiu influenciar os jovens e também ditar modas e culturas de massa, mas a crise do setor musical trouxe esta emissão televisiva para diferenciar a própria proposta inserindo também telefilmes e programas que não falam exclusivamente de música. Isso já havia acontecido propriamente por ocasião do nascimento desta conexão televisão-música. Era o ano de 1982 e o famoso canal americano NBC decide produzir um telefilme que tivesse como centro narrativo a música e os adolescentes: **Famas (serão famosos)**.

O telefilme inspirou-se no filme do mesmo nome e desenvolvia a temática da vida da adolescência no gênero de telefilme *chamado teen-drama* (telefilme para adolescentes e com protagonistas adolescentes). Os protagonistas das primeiras séries gravaram diversos discos com as canções da série e subiram na classificação das paradas, também por causa das aparições na televisão. Desde então, o caminho está feito. Há concorrência dos produtores discográficos. Querem uma propaganda mesmo de poucos segundos de um show *teen-drama* porque traz vendas seguras.

De *One tree Hill* a *O.C.*: o lançamento de novos cantores

O primeiro telefilme que fez realmente entender ao mundo musical a possibilidade de subir na classificação graças a poucos segundos de uma canção, foi em 2003: **One tree Hill**. A coisa mais estranha é que o tema central era o basquete e a vida de jovens adolescentes nas suas primeiras fases de descoberta do mundo, dos sentimentos, das emoções.



A música, porém, assume um papel em primeiro plano no interior da série tanto no nível da trama como na passagem de cena em cena, de fato no final de cada episódio, algumas cenas foram unidas e a canção, geralmente executada quase sempre por inteiro, ajudava a ligar situações aparentemente desligadas entre si. Foram também realizadas 4 compilações que escalaram as classificações americanas. Nas várias temporadas foram introduzidos diversos personagens como Mia Catalano que na realidade é a cantora Kate Voegele, que levou em frente, paralelamente à ficção, sua carreira de cantora; a mesma oportunidade foi para a cantora Kevin Federline no papel de Jason e para Bethany Joy Lenz que interpretava Haley James Scott. Deu muita sorte graças à sigla do telefilme intitulado *I Don't Want To Be*, escrito e interpretado por **Gavin De Crow** que deve o seu sucesso exatamente a estas passagens televisivas.

Mesmo no *teendrama O.C.* a utilização da música foi imponente e as 7 faixas alcançaram sempre mais colocações nas paradas do mundo todo levando à afirmação dos **Phantom Planet** autores da sigla com o título *Califórnia*. Nos 92 episódios estão incluídas

O que são os teen-drama?

Os teen-drama são telefilmes que têm por protagonistas os adolescentes e as suas aventuras familiares e escolares. Este gênero nasceu com o telefilme *Happy Days* e encontrou o seu maior momento de sucesso nos anos 80 com a transmissão da série *Beverly Hills 90210*. O sucesso deste gênero televisivo comportou também o nascimento de canais telemáticos como por exemplo *The CW*, *The ABC Family*, *Disney Channel* e *The N*, nos Estados Unidos nos quais esta programação é endereçada exclusivamente aos adolescentes.

mais de 500 canções tocadas também por poucos segundos que serviram para caracterizar as emoções e os eventos dos jovens protagonistas.

O advento da *High School Musical* e *Glee*

A reviravolta na conexão entre a música e os *teen-drama* aconteceu graças ao filme **High School Musical** que invadiu as ondas do rádio com canções especialmente escritas para adolescentes, e tendo como tema central o da música. Graças a este sucesso na Disney, a Fox TV começou em 2009 a produção de *Glee*. Este telefilme conta a história de

alguns rapazes e moças da escola superior que fazem parte do grupo de canto chamado Glee Club, muito talentosos, mas considerados “perdedores” (no original *loser*) pelos outros estudantes que são *cheerleader* ou jogadores de futebol. Obviamente aqui a música se torna protagonista e não apenas para os autores originais das canções, porquanto os próprios atores reinterpretem as canções a seu modo. A emissão televisiva realmente assinou um contrato com o maior distribuidor digital de música ao mundo: *iTunes* para que a saída das canções à venda aconteça pouco minutos depois que foram cantadas no episódio

transmitido. Isso criou um interesse muito forte por parte das casas discográficas porquanto além de poderem vender a canção original há uma posterior tiragem com a venda da canção cantada novamente pelos protagonistas do telefilme. Nos Estados Unidos há também uma concorrência entre os grandes cantores para se tornarem protagonistas de um episódio: Madonna, Britney Spears, Ricky Martin, Gloria Estefan, Josh Groban, Ollivia Newton John, Whitney Houston já conseguiram.

m.diotto@iusve.it

CAMILLA



Casa, doce casa

Como decerto haveis intuído pelas minhas considerações passadas, nestes meses a “casa” levou a melhor e não resisti à tentação de fazer alguma consideração; justamente para dar a minha modesta contribuição à reflexão sobre o próximo Capítulo Geral.

Antes de tudo, Irmãs, finalmente temos a coragem de dizê-lo!

Há casa e casa!

De forma alguma as habitações são como nós as imaginamos! Há casas-palácios e casas-cabanas, casas-trailers e casas-palafitas, casas-quartéis e casas-famílias... Em suma, há casa para todos os gostos!

Deixando de lado alguma pequena diferença, todas as casas se assemelham: devem ser bem construídas num terreno sólido, devem oferecer uma cobertura sob a qual colocar-se, devem ter uma abertura através da qual poder entrar e sair, e assim por diante...

Mas nas nossas comunidades há um tipo de casa que não tem nada a ver com as habitações ordinárias: é a CASA-EM-CASA!

Na CASA-EM-CASA muitas de nós somos tentadas a refugiar-nos e os motivos para fazê-lo são na verdade muitos e sublimes: a CASA-EM-CASA é o monolocal em que se procura abrigo (talvez simplesmente o nosso quarto...); é a cortina na janela que protege de olhares indiscretos (porque pretendemos que o direito à

privacidade nos seja reconhecido...); é o piso polido sobre o qual caminhar de chinelos (com a desculpa de que se o ambiente não é limpo e ordenado não se dá uma boa impressão...); é a porta fechada a chave para evitar visitas pouco agradáveis (justificada pela necessidade de preservar as coisas de possíveis danos...); é o jardimzinho florido ao qual se dedica o máximo cuidado (com o pretexto de que ocorre educar ao gosto pelo belo...); é a paz que reina quando finalmente pode-se repousar (o repouso que, obviamente, é merecido!).

Em suma, a CASA-EM-CASA é aquele “espaço todo pessoal” ao qual se retorna depois das fadigas de uma dura jornada de trabalho, é aquele “clima de intimidade relaxante” no qual retempera-se o espírito, talvez escutando o terço no rádio ou escrevendo a uma amiga.

E de CASA-EM-CASA, na minha comunidade, há mais de uma! Existem tantas que pensei: «Mas será esta a casa que evangeliza?!»... E quando experimentei pedir explicações às minhas Irmãs que pensavam estar no bom caminho, uma jovem Irmã nos aterrorizou dizendo: «enfim, a CASA-EM-CASA é quando te é oferecido um castelo e tu preferes permanecer na tua choupana!»... Jovem e impertinente!

Palavras de C.



**GRANDE COISA É A AMIZADE E
QUANDO É VERDADEIRAMENTE
GRANDE NÃO SE PODE EXPRESSÁ-LA
POR PALAVRAS, MAS SOMENTE
DEMONSTRÁ-LA. (JOÃO CRISÓSTOMO)**



1953/2013 **dma** SESSENTA ANOS